



A tipologia da consciência histórica em Rüsen

Fernando Milani Marrera*

Uirys Alves de Souza**

Resumo: O presente artigo tem por intenção trazer um debate teórico sobre a tipologia da consciência histórica no conceito de Jörn Rüsen (pensador alemão que estudou História, Filosofia, Pedagogia e Literatura na Universidade de Colônia, onde lhe foi outorgado o doutorado em 1996) e a aplicabilidade desta teoria na vida prática do ser humano, pois, para Rüsen, a história não existe somente pelo simples fato de existir, ela tem uma função prática na vida das pessoas. Para fomentar a consciência histórica, Rüsen acredita que este processo ocorre através de narrativas do presente a fim de explicar o passado, pois o passado seria uma representação abstrata do presente e serve, pela tipologia de Rüsen, para o engendrar da consciência histórica.

Palavras-chave: Rüsen. Tipologia da consciência histórica. Narrativa.

Abstract: This article intended to bring a theoretical debate about the typology of historical consciousness in the concept of Jörn Rüsen (German thinker who studied History, Philosophy, Pedagogy and Literature at the University of Cologne, where he acquired his doctorate in 1996) and the applicability of this theory in practical life of the human, because for Rüsen, history does not exist only for the simple fact of exist, it has a practical function in people's lives. In order to foster an consciousness of history, Rüsen believes that this process occurs through narratives of the present in order to explain the past, because the past would be an abstract representation of the present and serves, for the Rüsen typology, to engender historical consciousness.

Keywords: Rüsen. Typology of historical consciousness. Narrative.

1. INTRODUÇÃO

* GT Ensino de História e Educação – Anpuh-RS

** GT Ensino de História e Educação – Anpuh-RS



Primeiramente se faz necessário um discernimento acerca do que é entendido por consciência histórica e qual seu papel nos estudos históricos. Luiz Fernando Cerri, em seu capítulo “o que é a consciência história” do livro “Ensino de história e consciência histórica”, discorreu acerca da importância de se entender a consciência histórica como um fenômeno intrínseco a espécie humana. Usando-se de argumentos de autores como Hans-Georg Gadamer, Cerri debate amplamente o conceito, atendo-se as discussões de Agnes Heller e Jörn Rüsen, este último, que será o foco da nossa discussão. Dessa forma, Gadamer trata a consciência histórica como um fenômeno de importante relevância na sociedade contemporânea, permitindo ao homem entender a historicidade do presente e da relatividade de toda opinião. Sendo assim, para este autor a consciência histórica é um fenômeno que ao mesmo tempo se configura para os homens um privilégio e um fardo que jamais se impôs a nenhuma geração anterior (GADAMER, 1998, p. 17, in CERRI, 2011, p. 24).

Para Jörn Rüsen a consciência histórica pode ser definida como uma categoria que se relaciona a toda forma de pensamento histórico, através do qual os sujeitos possuem a experiência do passado e o interpretam como história. Em outras palavras ela é “(...) a soma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo” (RUSEN, 2010, p. 57)

Desta forma, Rüsen nos chama a atenção para que a consciência histórica não deva ser entendida apenas como um “simples conhecimento do passado”, mas antes de tudo como um “meio de entender o presente e antecipar o futuro”. Ela é, de forma sucinta, um “conjunto coerente de operações mentais que definem a peculiaridade do pensamento histórico e a função que ele exerce na cultura humana”. (RUSEN in BARCA et al. 2010, p. 36-37).

Podemos citar aqui duas considerações sobre a forma de interpretar a consciência histórica, atribuídas por Heller e Rüsen. Para Heller o indivíduo não mobiliza sua consciência histórica intencionalmente, mas a utiliza com a necessidade de atribuir significado a fluxos sobre o qual não possui controle. Ele a vivencia desde a percepção de sua própria historicidade, até a inserção da consciência em diferentes contextos da história humana. Ela é, de modo geral, inerente ao estar no mundo. Rüsen, por outro lado, advoga sobre a intencionalidade do agir no tempo, afinal os seres humanos só podem agir no mundo se o interpretarem e interpretarem a si mesmo de acordo com suas intenções (CERRI, 2011, p. 28).



Para Rüsen, o entendimento das operações da consciência histórica podem se expandir, de certa forma, para o entendimento de uma “teoria da historicidade da orientação da existência humana”. Ou seja, para ele a consciência histórica não é fruto da escolha humana, ela é algo universalmente humano. Para tanto, se enraíza na historicidade contida na própria vida prática dos homens (RUSEN, 2001, p. 78). Sendo assim,

Que os homens tenham consciência da história baseia-se, afinal, no fato de que seu próprio agir é histórico. Como usam intencionalidade, os homens inserem, pois, seu tempo interno (...) no contato com a natureza externa, na confrontação com as condições e as circunstâncias de seu agir, nas suas relações com os demais homens e com si mesmos. Com isso, o agir humano é, em seu cerne, histórico. E ‘histórico’ significa aqui, simplesmente que o processo temporal do agir humano pode ser entendido, por princípio, como não natural, ou seja: um processo que supera sempre os limites do tempo natural. (RUSEN, 2001, p. 79)

Podemos entender segundo este raciocínio, que as narrativas adquirirão um fator de extrema importância no agir histórico. Para Rüsen elas são a face material da consciência histórica (RUSEN in BARCA et al. 2010, p. 12). Ou seja, toda a forma de interpretação do indivíduo sobre sua experiência do tempo, que é capaz de orientar suas ações e permitir a atribuição de sentido às relações cotidianas. Essa visão é esclarecedora a medida que podemos entender a história não como exclusiva dos bancos escolares ou acadêmicos, mas presente no curso dos dias, nas relações mundanas, através das inúmeras narrativas que se estabelecem diariamente. Para tanto, o pensamento histórico obedece a uma “lógica narrativa” e a uma racionalidade específica do histórico.

Para compreender as ideias de Rüsen, neste complexo mundo entre razão, narrativa e consciência histórica, acaba sendo primordial partir de pontos específicos, neste caso acreditamos que o debate poderia se iniciar por um dos dois prismas: 1) Pelo conceito de razão que Rüsen emprega, afinal é ele que torna possível buscar o substrato do ser humano para a sua compreensão de História e de mundo; e 2) Através da tipologia estruturada por Rüsen, já que é através dela que se pensa a consciência histórica. Partiremos primeiramente através do primeiro item.

2. A RAZÃO À TIPOLOGIA DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA



A razão, ou *ratio* para os latinos¹, é um conceito provido de uma complexidade quase irracional, pois ela vem sendo estruturada, pensada, debatida, refletida, refutada, etc. durante séculos, desde a sua etimologia, até os dias atuais – para se pensar em razão e a sua gênese, é interessante buscar nos filósofos gregos (Sócrates, Platão, Aristóteles, Zenão, entre outros) e romanos (Marco Cícero, Ovídio, Virgílio, entre outros) o que eles apresentaram sobre a temática, não que todos tenham falado exclusivamente da razão, mas o conceito acaba surgindo implicitamente quando estes autores debatiam sobre o ser humano e suas relações com o mundo que os norteava. É válido, também, pensar em alguns filósofos do período moderno (F. Bacon, G. Galiei, R. Descartes, J. Locke, T. Hobbes, I. Kant, F. Hegel, A. Schopenhaur, J.J. Rousseau, entre outros²), pois eles retomaram as leituras dos clássicos e elaboraram seus ideais (através da releitura dos antigos) sobre a razão e, por último, alguns pensadores contemporâneos, afinal, estes também se respaldaram nas reflexões dos antecessores para fomentar suas máximas³ -, assim como Jörn Rüsen, que através do contato com seus estudos em filosofia, soube apresentar estes conceitos de forma simplificada e objetiva.

Rüsen, para iniciar sua explicação acerca do sentido histórico, para ser mais exato, à consciência histórica, busca trabalhar através da razão e como esta se forma. Para isto, ele elenca algumas dúvidas importantes que prontamente são respondidas, como por exemplo,

Para poder tratar [da racionalidade específica do histórico], deve-se começar pela questão do que seja racionalidade em si. O que é a forma racional do trato interpretativo do homem consigo mesmo e com seu mundo e como esta se distingue das demais? Na linha de Jürgen Habermas, Wolfgang Iser formulou a seguinte resposta: a racionalidade está presente sempre que “assertivas são criticáveis e fundamentáveis com base nas suas próprias pretensões de validade”. (RÜSEN, 2001, p. 151).

¹ Foi feita esta salientação pois, conforme Bussarelo, 80% procedem [vocábulos comuns a Portugal e ao Brasil] do Latim (1998, p. 11).

² Para melhor compreender o que cada um desses filósofos contribuíram para a humanidade, ver: PERRY, M. **Transformação intelectual: a Revolução Científica e a Era do Iluminismo**. In: Civilização Ocidental: uma história concisa. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 282- 309.

³ Aqui entende-se contemporâneo em decorrer do que a historiografia entende por tal período, que inicia com a Revolução Francesa (1789) até os dias de hoje (2013).



Então, entende-se que a racionalidade está na capacidade argumentativa que o indivíduo tem através de sua capacidade cognitiva, e essa capacidade é fomentada através de inúmeras possibilidades, desde o ambiente escolar, até à ida ao cinema, estamos sempre sendo “bombardeados” de informações por todos os lados através de jornais, filmes, livros, entre outros.

Rüsen, concordando com os pressupostos de Habermas e Welsch, expõe que a

Criticabilidade, fundamentabilidade e pretensões de validade aparecem de maneira extremamente diversificada nas diferentes formas de pensamento e argumentação. Essas diferenças podem ser caracterizadas por uma tipologia da racionalidade. Tipos de racionalidade são tipos de argumentação e podem ser definidos como “unidade de procedimento da fundamentação argumentativa”. (RÜSEN, 2001, p. 151)

Para o pensador alemão, a racionalidade é formada através da argumentação, e se torna evidente através da narrativa histórica, que, por sua vez, também passa por este processo constantemente dialético.

Alguns linguístas, entre eles Ferdinand de Saussure⁴, percebem que o sentido, significado e representação, são relações entre a fala (*parole*) e a representação mental (substância fônica) daquilo que é escutado e socialmente aceito. No viés de Rüsen, sentido (histórico), significado e representação ocorrem através das narrativas e são a face exterior da consciência histórica presente no indivíduo.

No processo de desenvolvimento desta consciência, Rüsen sistematizou um conceito de “tipologia geral do pensamento histórico” (RÜSEN, 2010, p. 61), expondo que existem quatro tipos de consciência histórica: Tradicional, Exemplar, Crítica e Genética.

Cada uma dessas manifestações da consciência histórica é o que gera um sentido na vida prática do indivíduo que racionaliza a história, não a percebendo apenas, como uma disciplina que existe pelo simples fato de existir⁵, mas sim sendo, a história, uma disciplina capaz de ter um sentido racional e prático na vida dos indivíduos.

⁴ Existem bons livros que abordam sobre linguística, alguns interessantes a serem salientados são: Edward Lopes, no livro *Fundamentos de linguística contemporânea* (1985), Ronald Langacker, no livro *A linguagem e sua estrutura: alguns conceitos linguísticos fundamentais* (1977) e Mario Eduardo Martelotta, no livro *Manual de Linguística* (2008).

⁵ Aqui refere-se a crítica que Rüsen fez a Alfred Heuss quando este expôs que a história se legitimava pela sua simples existência. Ver: RUSEN in BARCA et al. 2010, p. 27.



Após trazermos ao debate o que Rüsen legitima por razão, pretendemos discorrer sobre as tipologias que formam a consciência histórica, pois o pensador alemão trabalha com a ideia de que a consciência histórica, formada através da razão, é desenvolvida através daquilo que o indivíduo valida como racional embasado na sua capacidade argumentativa.

3. AS DIFERENTES TIPOLOGIAS DA COSNCIÊNCIA HISTÓRICA EM RÜSEN

Entraremos agora no segundo ponto anteriormente elencado, a saber, o da tipologia da consciência histórica estruturada por Rüsen. Conforme expomos até aqui, a razão para este autor é aquilo que norteia o indivíduo para sua formação da consciência histórica, proporcionando-o se perceber como um sujeito-histórico, inserido em determinado contexto, com valores sociais instituídos e com um aparato legal e moral a ser seguido.

Dessa forma, Rüsen sistematizou a consciência histórica em quatro categorias, sendo elas: Consciência Tradicional, Exemplar, Crítica e Genética, considerando que, através delas, o homem desenvolve suas argumentações na vida prática.

Para ilustrar melhor as considerações que faremos a seguir, optamos por iniciar com o quadro tipológico da consciência histórica proposto por Rüsen:

Quadro 1 – Os quatro tipos de Consciência da História de acordo com Jörn Rüsen

	TRADICIONAL	EXEMPLAR	CRÍTICA	GENÉTICA
Experiência do tempo	Origem e repetição de um modelo cultural e de vida obrigatória	Variiedades de casos representativos de regras gerais de conduta ou sistema de valores	Desvios de problematizadores dos modelos culturais e de vida atuais	Transformações dos modelos culturais e de vida alheios em outros próprios e aceitáveis
Formas de significação histórica	Permanência dos modelos culturais e de vida na mudança temporal	Regras atemporais de vida social. Valores atemporais	Rupturas das totalidades temporais por negação de sua validade	Desenvolvimento nos quais os modelos culturais e de vida mudam para manter sua permanência
Orientação da vida exterior	Afirmação das ordens preestabelecidas	Relação de situações particulares com	Delimitação do ponto de vista próprio frente às	Aceitação de distintos pontos de vista em uma



	por acordo ao redor de um modelo de vida comum e válido para todos	regularidades que se atêm ao passado e ao futuro	obrigações preestabelecidas	perspectiva abrangente do desenvolvimento comum
Orientação da vida interior	Sistematização dos modelos culturais e de vida por imitação – <i>role playing</i>	Relação de conceitos próprios a regras e princípios gerais. Legitimação do papel por generalização	Autoconfiança nas refutações de obrigações externas – <i>role playing</i>	Mudanças e transformação dos conceitos próprios como condições necessárias para a permanência e a autoconfiança. Equilíbrio de papéis
Relação com os valores morais	A moralidade é um conceito preestabelecido de ordens obrigatórias; a validade moral é inquestionável	A moralidade é a generalidade de obrigação dos valores e dos sistema de valores	Ruptura do poder moral dos valores pela negação da validade	Temporalização da moralidade. As possibilidades de um desenvolvimento posterior se convertem em uma condição de moralidade
Relação com o raciocínio moral	A razão subjacente aos valores é um suposto efetivo que permite o consenso sobre questões morais	Argumentação por generalização, referência a regularidades e princípios	Crítica dos valores e da ideologia como estratégia do discurso moral	A mudança temporal se converte em um elemento decisivo para a validade dos valores morais

(RUSEN in BARCA et al. 2010, p. 63)

Conforme nos mostra o quadro, cada uma das consciências é desenvolvida no ser humano de modo a influenciar o seu entendimento sobre o mundo através da argumentação em que ele se respalda. Desta forma, em relação a consciencia de tipo tradicional, segundo o autor, “as experiências temporais serão processadas em tradições possibilitadoras e condutoras de ações. As tradições se tornam visíveis e serão aceitas e reconstruídas como orientações estabilizadoras da própria vida prática.” (RUSEN in BARCA et al. 2010, p. 45). Percebe-se assim que o indivíduo que compreende o seu mundo através da consciência histórica do tipo tradicional, pretende, através do seu discurso, trazer o passado ao presente, sem problematizar as atuais conjecturas em que ele está imerso. Já em relação a consciência exemplar, segundo Rösen,



Se constrói a competência de regra em relação à experiência histórica; os conteúdos da experiência serão interpretados como caso de regras gerais, e formam-se, na interação entre generalizações de regras e isolamento de casos, como condição necessária para um emprego prático na vida da adquirida competência de regras de juízo.” (RUSEN in BARCA et al. 2010, p. 46)

Dessa forma, na categoria atinente à consciência exemplar, o indivíduo pretende explicar o seu mundo através de exemplos do passado, de referências sobre situações que experienciou, não tentando inserir o passado no presente, mas explicar o presente pelo passado.

Em relação a consciencia do tipo crítica “(...) as experiências temporais serão empregadas de modo que o afirmado modelo de interpretação da vida prática será anulado e será feito valer as necessidades e interesses subjetivos.” (RUSEN in BARCA et al. 2010, p. 46). Sendo assim, o indivíduo nega alguns valores ratificados pela sociedade, num processo que ocorre quando ele se percebe inserido num presente concatenado ao passado, mas que por sua vez não dita mais as ordens, pois as estruturas estão em constantes mudanças, e tentar inserir o passado ou legitimar o presente somente através de seus exemplos não seria possível. Afinal, o presente segue uma constante de rupturas e continuidades.

Nesta dinamica de processo evolutivo das consciências, na perspectiva do filósofo alemão, a consciência genética possibilita aos indivíduos considerarem

Sua própria autorrelação como dinâmica e temporal. Eles compreendem sua identidade como “desenvolvimento” ou como “formação”, e ao mesmo tempo, com isso, aprendem a orientar temporalmente sua própria vida prática de tal forma que possam empregar produtivamente a assimetria característica entre experiência do passado e expectativa de futuro para o mundo moderno nas determinações direcionais da própria vida prática. (RUSEN in BARCA et al. 2010, p. 46)

Sendo assim, a consciencia do tipo genética ocorre quando o indivíduo está totalmente consciente do seu presente e de que está inserido em um mundo, onde seu presente é um reflexo parcial do que ocorreu no passado, de tal forma que o que passou não voltará a passar, mas que algumas continuidades permanecem, de modo que, nesse processo de conscientização, o indivíduo não nega totalmente o passado (como propõe a consciência



crítica), nem tenta inserir ou legitimar o presente através do mesmo (conforme propõe a consciência tradicional e exemplar), mas estabelece uma síntese entre ambos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme discorremos até aqui, o modelo de consciência histórica proposto por Rüsen é inerente ao estar no mundo e viver em sociedade, pois o agir humano, segundo sua proposta, é histórico e a interpretação histórica dada pelo indivíduo acerca do mundo que será respaldada necessariamente por uma das quatro tipologias do quadro apresentado, possibilitando assim, que o mesmo interprete seus atos no convívio em sociedade. Desta forma, as narrativas se colocam como importantes mecanismos de análise das consciências, possibilitando ao indivíduo mobilizar sua capacidade interpretativa de acordo com uma racionalidade específica que direcionará seus atos na vida prática, assim como possibilitará a pesquisadores do ensino de história abstrair as interpretações subjetivas de cada indivíduo para entender como este abstrai conceitos e ideias históricas.

Em síntese, teve-se por intenção com esta discussão, trazer ao debate a proposta do filósofo alemão Jörn Rüsen sobre o que é e como se configura os procedimentos mentais característicos da consciência histórica, pois sua compreensão é fundamental para os atuais estudos nas áreas de teoria e ensino de história, afinal sua teorização acerca da história a torna mais abrangente ao entender que todo o indivíduo é capaz de interpretar historicamente seus atos e se orientar na vida prática. Neste sentido, a história científica como conhecemos, para Rüsen, será apenas uma das facetas do conhecimento histórico.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCA, I., MARTINS, E. R., SCHMIDT, M. A. (orgs). **Jorn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de história e consciência histórica**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

LANGACKER, Ronald. **A linguagem e sua estrutura: alguns conceitos linguísticos fundamentais**. Petrópolis: Vozes, 1977.



LOPES, Edward. **Fundamentos da linguística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 1985.
MARTELOTTA, Mario Eduardo (org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

PERRY, M. **Transformação intelectual: a Revolução Científica e a Era do Iluminismo**.
In: *Civilização Ocidental: uma história concisa*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

RÜSEN, Jörn. **Aprendizagem histórica: fundamentos e paradigmas**. Curitiba: W.A. Editores, 2012.

RÜSEN, Jörn. **História Viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico**. Brasília: Editora UnB, 2007.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica**. 1ª reimpressão. Brasília: Editora UNB, 2010.

RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do passado**. Brasília: Editora UnB, 2007

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística**. 8ª ed. São Paulo: Cultrix, 1977.

Recebido em Julho de 2013
Aprovado em Agosto de 2013